

# **Homossexualidade, transexualismo e a medicina tradicional chinesa: da filosofia chinesa às políticas públicas**

*Homosexuality, transsexualism and  
the Traditional Chinese Medicine:  
from Chinese Philosophy to public policies*

**Fábio L. Stern**

*Bacharel em Naturologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina  
Pós-graduando em Ciências da Religião pela Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo  
caohim@gmail.com*

6

## Resumo

Apesar de as relações homossexuais terem sido comuns na China Antiga e o *Huang Di Nei Jing*, livro base da Medicina Chinesa, ter sido escrito nesse período, não há passagens nele que falem sobre isso. Também não há artigos sobre o *status* médico dos transexuais e homossexuais na Medicina Chinesa, mesmo com a criação de um órgão que estuda Medicina Chinesa e sexualidade pelo Ministério da Saúde da República Popular da China. Sendo assim, este artigo discute a posição da Filosofia Chinesa, a qual originou a Medicina Chinesa, e as políticas públicas sobre transexualismo e homossexualidade na República Popular da China que possam apontar para uma provável postura da Medicina Chinesa perante o tema.

Palavras-chaves: Homossexualidade. Transexualismo. Filosofia chinesa. Políticas públicas em saúde na China. Medicina tradicional chinesa.

## Abstract

In spite of the fact that homosexual relationships have been common in Ancient China and also of the *Huang Di Nei Jing* having been written in that period, there's no passage in it that talks about this. Nor there are articles regarding the medical status of transsexuals and homosexuals in Chinese Medicine, even with the creation of an agency that studies Chinese Medicine and sexuality by the Ministry of Health of the People's Republic of China. Therefore, this article discusses the position of Chinese Philosophy, which led to Chinese Medicine, and the public policies regarding transsexualism and homosexuality in the People's Republic of China that might point to a likely attitude of the Chinese Medicine regarding the issue.

Keywords: Homosexuality. Transsexualism. Chinese philosophy. China's public policies in health. Traditional Chinese medicine.

## Introdução

A Naturologia é a ciência que resgata saberes antigos baseados na observação da natureza (medicinas tradicionais e práticas naturais), aplicando-os à promoção e à manutenção da saúde do homem contemporâneo e ressignificando suas relações físicas, emocionais, mentais, energéticas e cognitivas de forma holística. Porém, apesar de o holismo ser seu grande diferencial, muitas vezes o naturólogo o pratica em uma via de mão única: o interagente é visto de forma naturológica, mas não as medecinas tradicionais utilizadas em seu trabalho.

Todas as medecinas tradicionais surgiram em contextos históricos, religiosos e sociais distintos do atual, anteriores à dicotomia naturalizada pelo cartesianismo. Isso significa que ainda que continuem em constante aprimoramento, a Medicina Xamânica, oriunda dos ritos espirituais de cura das sociedades tribais euro-asiáticas; a Āyurvédica, com sua influência primordial do Budismo Tibetano e posteriormente do Hinduísmo; e a Medicina Tradicional Chinesa (M.T.C.)<sup>1</sup>, derivada do Daoísmo, só podem ser compreendidas totalmente se inalienadas de sua composição original. Não há M.T.C. sem a Filosofia Chinesa.

No caso específico das Chinas<sup>2</sup>, apesar de a M.T.C. possuir uma história milenar, os chineses nunca deixaram de aperfeiçoá-la, tal qual se pode verificar hoje pelas inúmeras faculdades de M.T.C. espalhadas pelos dois países. Como resultado, os conhecimentos filosóficos, religiosos, artísticos e medicinais compilados e aprimorados ao longo de mais de 2.000 anos se misturam ao paradigma contemporâneo, tornando a M.T.C. uma manifestação social atual, fazendo-se presente ao lado da Medicina convencional nas Chinas até hoje.

Ainda que a “identidade gay” e o termo *tongxinglian*<sup>3</sup> tenham surgido nas Chinas somente no final do século XX (CHOU, 2000), “os dados históricos oficiais chineses indicam que desde o Período das Primaveras e Outonos (722 a 481 A.E.C.) até a Dinastia Han (202 A.E.C. a 24 E.C.)<sup>4</sup>, o sexo entre homens não era crime ou considerado um comportamento imoral. Pelo contrário, era às vezes o

---

<sup>1</sup> 中医学, *Zhong Yi Xue* em *pinyin*, literalmente “Medicina chinesa”.

<sup>2</sup> Neste artigo, fala-se de “as Chinas” porque há duas entidades governamentais conhecidas como “China” atualmente: a *República Popular da China*, o governo unipartidário comunista sediado em Pequim, e a *República da China*, o governo semipresidencialista sediado em Taiwan. (HAW, 2008; ROY, 2003).

<sup>3</sup> *Pinyin* para 同性恋, “homossexualidade”, em português.

<sup>4</sup> A.E.C. = antes da era comum. E.C. = era comum. Termos utilizados em algumas publicações de Ciências da Religião como equivalentes laicos para “antes de Cristo” e “depois de Cristo”.

modo nobre de agir”. (RUAN; LAU, 1997, p. 360, tradução nossa). Curiosamente, o livro que foi o marco inicial da M.T.C., o *Huang Di Nei Jing*<sup>5</sup> (GUO XUE SHU YUAN, 2008), foi escrito também nesse mesmo período. (HE; NE, 2001).

Porém, ao se pesquisar sobre o *status* médico da homossexualidade e do transexualismo na M.T.C., mal se encontram textos sobre o tema. De fato, neologismos como *tongzhi*<sup>6</sup> e *tongxinglian* não poderiam estar presentes nos clássicos, mas mesmo expressões do mandarim antigo empregadas para se referir às relações homossexuais – tais quais *long yang*<sup>7</sup>, *duan xiu*<sup>8</sup> ou *fen tao*<sup>9</sup> (CHOU, 2000) – não constam nem no *Su wen*<sup>10</sup> nem no *Ling shu*<sup>11</sup>. Como cada dinastia recompilou o *Huang Di Nei Jing* conforme a M.T.C. evoluiu (HE; NE, 2001), é provável que as informações presentes hoje no livro não sejam iguais às de sua primeira versão, o que não permite uma suposição maior sobre a presença ou não do tema em sua concepção original.

Ainda que tenha sido criada originalmente para diminuir a propagação do HIV entre chineses, desde 1994, o Ministério da Saúde da República Popular da China mantém a Associação de Sexologia da China (C.S.A.<sup>12</sup>), um órgão que trata de temas relacionados com a sexualidade, com programas que vão de educação sexual a intervenções médicas e legais. Dentre os comitês existentes, a C.S.A. conta com um comitê específico de M.T.C. aplicado à sexualidade, que ocasionalmente publica artigos no periódico mensal da associação, o *Jornal Chinês de Sexologia Humana*<sup>13</sup>. (ZHONGGUO XING XUEHUI, 2009).

---

<sup>5</sup> Pinyin para 黄帝内经, “Tratado Interno do Imperador Amarelo”, em português. Embora “o primeiro texto conhecido, descoberto em pedaços de conchas e ossos utilizados pelos feiticeiros reais da dinastia Shang, date de cerca de 1200 A.E.C., e alguns textos tradicionais existentes até hoje devam datar do século XXI A.E.C.” (NIVISON, 2005, p. 1570, tradução nossa), é convencionalizado que o *Huang Di Nei Jing* é o primeiro tratado da M.T.C., por ter sido a primeira compilação focando especificamente a saúde. A versão que se tem acesso hoje é formada por dois livros: o *Su wen* (素问) [“Perguntas Básicas”] e o *Ling shu* (灵枢) [“Eixo Espiritual” ou “Pivô Maravilhoso”].

<sup>6</sup> Pinyin para 同志, “camarada”, em português. Segundo Chou (2000), *tongzhi* é a palavra mais indicada para se referir a gays, lésbicas e bissexuais na República da China nos dias de hoje.

<sup>7</sup> Pinyin para 龙阳, nome próprio com duplo sentido, tal qual “Bráulio”, em português.

<sup>8</sup> Pinyin para 断袖, “sem mangas (de roupa)”, em português. A lenda diz que “o imperador Ai cortou fora as mangas de seu robe quando chamou a audiência da corte, preferindo não acordar seu amante masculino” (HERDT, 2005, p. 4114, tradução nossa), o qual adormecera com a cabeça recostada sobre seus braços. Apesar de Ai ser posterior ao *Huang Di Nei Jing*, pesquisou-se igualmente o termo no livro, sem resultados.

<sup>9</sup> Pinyin para 分桃, termo antigo usado para designar o sexo anal.

<sup>10</sup> O primeiro livro do *Huang Di Nei Jing*.

<sup>11</sup> O segundo livro do *Huang Di Nei Jing*.

<sup>12</sup> Essa sigla deriva do nome em inglês: *China Sexology Association* (中国性学会, *Zhongguo Xing Xuehui*, em pinyin).

<sup>13</sup> 中国性科学, *Zhongguo Xinxexue*, em Pinyin; mais conhecido no ocidente como *The Chinese Journal of Human Sexology*.

Mas, apesar desse fato, quase não existem publicações sobre o transexualismo e a homossexualidade na revista. Segundo Qiu (2000 *apud* McMILLAN, 2006), embora na prática os médicos intervenham com terapias corretivas, debates sobre o *status* da homossexualidade na M.T.C. são silenciados pelo governo. Como exemplo, uma edição do *Jornal Chinês de Sexologia Humana*, contendo um artigo que descrevia detalhes das terapias de eletrochoque conduzidas em homossexuais no Centro de Pesquisa de Psicologia Clínica da Universidade de Medicina Chinesa de Guangzhou, foi retirada de circulação.

Ainda que a República Popular da China não reconheça Taiwan como nação independente, a realidade dos transexuais e dos homossexuais é bem diferente nos dois territórios. Como a M.T.C. foi desenvolvida na China continental, preferiu-se o estudo das políticas públicas para o transexualismo e a homossexualidade na República Popular da China. Além disso, devido à dificuldade de serem encontradas bibliografias específicas tanto nas Chinas quanto no Ocidente, este artigo discute também as possíveis relações entre a homossexualidade, o transexualismo e a M.T.C., ao analisar as posições da Filosofia Chinesa, do Confucionismo e em especial do Daoísmo<sup>14</sup>, as quais originaram suas práticas. Assim, esperava-se encontrar ao menos uma diretriz a se seguir em futuras pesquisas acadêmicas, objetivando ampliar as possibilidades de debates sobre o tema em M.T.C. por naturólogos e outros pesquisadores.

## **A masculinidade**

É uma tendência humana qualificar negativamente tudo o que é diferente de seus paradigmas. “Aqueles que se assemelham a nós, ou que se aproximam dos ideais morais aos quais aspiramos, merecem nosso respeito [...]. Em contrapartida, os que se afastam dos modelos são reprovados e apontados como transgressores, anormais ou criminosos” (COSTA, 1992, p. 17). Tal comportamento provoca uma distribuição de direitos e privilégios diferenciada entre o “grupo dos normais”, o hegemônico, e o “grupo das exceções”, naturalizado como subalterno.

Curiosamente, o grupo hegemônico privilegiado dificilmente se dá conta de que há uma relação desigual. No campo da sexualidade, mais especificamente nos casos do transexualismo e da homossexualidade, não é

---

<sup>14</sup> Apesar de presente na China desde o século I, não se discutiu o Budismo porque sua doutrina não influenciou diretamente os fundamentos da M.T.C.

diferente. “A masculinidade como uma construção imersa em relações de poder é frequentemente algo invisível ao homem cuja ordem de gênero é mais privilegiada com relação àqueles que são menos privilegiados por ela e aos quais isto é mais visível”. (KIMMEL, 1998, p. 105). A colocação de Kimmel se torna importante na compreensão das políticas públicas chinesas até os anos 1990, que negavam a homossexualidade e o transexualismo em seu território, conforme se discutirá posteriormente.

Em adição, Stern e Wedekin (2005) citam que é especialmente por causa das relações de masculinidade que ocorre a grande resistência na aceitação da atração por pessoas do mesmo sexo como uma expressão de sexualidade tão sadia quanto a heterossexualidade. Como “a principal maneira pela qual os homens [buscam] demonstrar a sua aquisição bem sucedida de masculinidade é através da desvalorização de outras formas de masculinidade, posicionando o hegemônico por oposição ao subalterno” (KIMMEL, 1998, p. 112), toda manifestação de masculino divergente se torna problematizada, e a tolerância é vista como um sinal de fraqueza que mancha a masculinidade dominante.

Como esse ideal de masculinidade traçado na ascensão do patriarcado permitiu um fortalecimento mútuo do poder do homem como indivíduo e do patriarcalismo como sistema, arquétipos de masculino ideal foram gerados nas sociedades. O homem não chora. Ele é forte, corajoso e destemido. É o herói, o rei, o poderoso, o senhor, o (único!) deus e também o ganhão, o conquistador, o viril, o sujeito sexual que domina o feminino como objeto, defende seu território de outros machos e “honra seus colhões”. Honra que se tornou também um símbolo de *status* ainda verificado nos Schwarzeneggers e Chuck Norrises do folclore masculino, justificando crimes e atos violentos tal qual apontado por Minayo (2005).

O guerreiro intrínseco nesse ideal de masculinidade considerado bem-sucedido deve derrotar os mais fracos para provar sua superioridade. No entanto, a ação violenta do masculino não é necessariamente contra um rival específico. Ao contrário, pode se exteriorizar na simples vanglória e no prazer do domínio por si, corrompendo os valores do individualismo e da responsabilidade social. (ELIAS, 1994 *apud* MINAYO, 2005). O problema é que quando a masculinidade é finalmente afirmada, o homem é novamente questionado, devendo assim reafirmá-la infinitamente. “A busca por uma prova [de masculinidade] constante, durável, inatingível, torna-se em última instância uma busca [...] que assume as características [...] de um esporte”. (KIMMEL, 1998, p. 111).

Ainda que o preconceito faça parte do senso comum e não possua respaldo científico (PITÉ, 1997), Stern e Wedekin (2005) apontam que os pesquisadores, por serem humanos, também são passíveis de suas influências. O homem pesquisador é homem antes de ser cientista e, envolto nos jogos de masculinidade, pode muitas vezes ser contaminado por suas questões de forma inconsciente, refletindo-as em seus estudos. Além disso, as mulheres também não são imunes a tais jogos, pois convivem com a naturalização desses valores na sociedade. Fry e MacRae (1985, p. 72) citam um exemplo de interferência:

[...] na maior parte do tempo aqueles que dizem querer “curar” os homossexuais estão mais interessados em colocá-los fora de circulação, não se importando com a natureza dos meios que usam para diminuir a sua possibilidade de “prejudicar a sociedade”.

Cientificamente, a homossexualidade é a atração sexual, romântica, emocional e afetiva por pessoas do mesmo sexo. Diferenciando-se do comportamento sexual<sup>15</sup>, ela não é uma opção e também não pode ser mudada. (AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION, 2009). No entanto, apesar de existir uma posição científica, cada cultura traz um significado singular sobre o tema, nem sempre com um respaldo maior do que o senso comum. Ainda que no Ocidente a homossexualidade não seja vista como uma patologia (OPAS; OMS, 1993), segundo Zhang (2006), ela consta até os dias de hoje como um distúrbio psiquiátrico no cadastro chinês de doenças mentais<sup>16</sup>.

Segundo Minayo (2005, p. 24), “o masculino é investido significativamente com a posição social (naturalizada) de agente do poder [...], havendo, historicamente, uma relação direta entre as concepções vigentes de masculinidade e o exercício do domínio de pessoas, das guerras e das conquistas”. Isso significa que quanto mais militar é uma nação, mais forte é seu ideal de hegemonia do masculino. A China se unificou pelo poder bélico, invadindo e conquistando seus estados vizinhos. Até mesmo a atual divisão entre República Popular da China e República da China foi resultado de uma guerra civil de três décadas. (HAW, 2008; ROY, 2003). Não por acaso, o arquétipo do homem-guerreiro ali possui significado extraordinário.

---

<sup>15</sup> A homossexualidade é diferenciada do comportamento sexual pela Associação Psiquiátrica Americana, porque o indivíduo pode expressar ou não sua orientação sexual em seu comportamento (APA, 2009).

<sup>16</sup> 中国精神疾病分类方案与诊断标准, em inglês é *Chinese Classification of Mental Disorders* (a 3ª e última edição é de 2001), manual da “Sociedade Chinesa de Psiquiatria” (中华医学会精神病学), filiada à “Associação Médica da República Popular da China” (中华医学会), não sendo um cadastro patológico da M.T.C.

## A Filosofia Chinesa e a sexualidade

Por volta do século V A.E.C., a China Antiga entrou na Era Clássica de sua filosofia, e da ideia de que todo mal é oriundo da desordem nasceu o Confucionismo. Mas, a partir de 350 A.E.C., alguns filósofos iniciaram um movimento contrário que questionava o excesso de ordem e moralidade na sociedade chinesa chamado Daoísmo. “Protodaoístas como Shen Dao argumentavam que o conhecimento conceitual impedia o real discernimento” (NIVISON, 2005, p. 1572), e a visão de que o *dao*<sup>17</sup> não pode ser controlado começou a ganhar adeptos. Finalmente, após quatro anos consolidando-se como uma escola filosófica, no século I A.E.C., o Daoísmo se tornou também uma religião. (RUAN; LAU, 1997). Da filosofia daoísta, os conceitos de *qi*<sup>18</sup>, de *jing*<sup>19</sup> e de *wu xing*<sup>20</sup> foram incorporados à M.T.C., além da escola clássica do *yin* e *yang*<sup>21</sup>, anterior ao Confucionismo, mas absorvida tanto por ele quanto pelo Daoísmo.

Segundo He e Ne (2001, p. 17), “o *yin* e o *yang* eram uma espécie de filosofia da época antiga da China. Primeiramente, o seu conteúdo era muito simples: indicava a orientação da luz do Sol: o *yang* correspondia à face do Sol e o *yin* às costas do Sol”. Posteriormente, os chineses passaram a compreender o universo de forma dual e outros pares como frio-quente, baixo-cima, esquerda-direita, dentro-fora e repouso-movimento foram associados. O homem foi visto como *yang*, a mulher como *yin*, assim, rapidamente, a relação sexual ganhou um significado especial.

Do Daoísmo, as crenças de que na ejaculação há perda de *jing* e de que a concupiscência é nociva à vitalidade também foram incorporadas à M.T.C. (HE; NE, 2001). Porém, pouco citado (ou quiçá não verificado na M.T.C.) é o fato de que para os daoístas a abstinência sexual é igualmente maléfica à saúde. No Daoísmo, o homem e a mulher são símbolos do céu e da terra, mas enquanto o céu e a terra são eternos, os humanos morrem por não possuírem *yin* e *yang* unificados. Assim, a relação sexual é um símbolo da androgenia primordial do *dao* como qualquer outra interação entre *yin* e *yang* (KRIPAL, 2005), sendo o sexo sem concupiscência visto como algo que aumenta a expectativa de vida dos humanos.

---

<sup>17</sup> Pinyin para 道, por vezes traduzido como “caminho”. No Daoísmo, é a verdadeira natureza do mundo.

<sup>18</sup> Pinyin para 气. “Qi é um dos termos mais complexos e multifacetados de toda a filosofia, religião e ciência chinesa. Nenhuma palavra singular pode traduzi-lo adequadamente” (MAJOR, 2005, p. 7544), ainda que no Ocidente seja traduzido como “sopro”, “vapor”, “força vital” ou “energia”. Na realidade, o *qi* é o “tijolo” do qual o universo é feito, que é ao mesmo tempo energia e matéria e permeia toda a existência.

<sup>19</sup> Pinyin para 精, “essência”, em português. No Daoísmo, é a essência vital presente nos fluidos corporais.

<sup>20</sup> Pinyin para 五行, “cinco condutas”, em uma tradução literal, é também traduzido como “cinco elementos”. No Daoísmo, são as cinco formas de manifestação ou movimento do *qi* no universo.

<sup>21</sup> Pinyin para 阴 阳, respectivamente.

Embora os clássicos de M.T.C. quase não tragam citações sobre a sexualidade, não só no Daoísmo, como também no Confucionismo existe uma grande discussão sobre o tema. Apesar de os textos confucionistas centrarem-se majoritariamente em assuntos estatais, “nos *Trabalhos de Mêncio*, um grande clássico confucionista, Gaozi é citado dizendo, 'comer comida e fazer sexo é a natureza dos seres humanos'”. Em adição, o próprio Mêncio<sup>22</sup> observou que “gozar do sexo é o desejo dos seres humanos”. (RUAN, 1991, p. 20, tradução nossa).

No entanto, ao se tratar da homossexualidade, a posição do Confucionismo e do Daoísmo são divergentes. Teoricamente, não há textos confucionistas que cite a homossexualidade, ainda que, na prática, Herdt (2005, p. 4114, tradução nossa) diga que “o amor entre homens na China Antiga era visto como uma expressão erótica alternativa não antagonista à família ou ao casamento heterossexual”. Ou seja, com a preocupação do Confucionismo no Estado, desde que o homem se casasse e procriasse, ele tinha uma maior liberdade para vivenciar a homossexualidade fora de seu casamento. (CHOU, 2000; ZHANG; KAUFMAN, 2005).

Já no Daoísmo, mesmo havendo uma diferenciação da postura de acordo com as várias tradições existentes – visto que o Daoísmo não é uma religião totalitária –, no geral, a homossexualidade é problematizada, ainda que nem sempre seja condenada. Comumente, é dito que o homem (*yang*) precisa da energia da mulher (*yin*), e vice-versa, para alcançar o equilíbrio e a compleição e transcender rumo à transformação espiritual. (KRIPAL, 2005). Todos os daoístas concordam que essa troca é facilmente obtida no sexo heterossexual, mas algumas tradições consideram que nas relações homossexuais um dos elementos estaria faltando, não permitindo uma realização integral. (WAWRYTKO, 1993). Como um reflexo das rígidas normas sexuais da República Popular da China, é usual que as tradições daoístas mais permissivas sejam justamente as tradições de fora do país.

Apesar de os clássicos de M.T.C. não comentarem sobre a homossexualidade e o transexualismo em si, em um dos capítulos do *Ling shu*<sup>23</sup>, o segundo livro base do *Huang Di Nei Ding*, o mestre *Qi Bo*<sup>24</sup> ensina a *Huan Di*<sup>25</sup> sobre o *jing* e o *shen*<sup>26</sup>. (GUO XUE SHU YUAN, 2008). Na M.T.C.,

---

<sup>22</sup> Mêncio é o segundo filósofo mais importante do Confucionismo, abaixo apenas de Confúcio.

<sup>23</sup> O capítulo em questão é o 本神第八法民, “8º código: as origens do espírito”, em português.

<sup>24</sup> *Pinyin* para 岐伯, nome próprio.

<sup>25</sup> *Pinyin* para 黃帝, nome próprio. É traduzido como “Imperador Amarelo”, em português.

<sup>26</sup> *Pinyin* para 神, “espírito”, em português.

além de o *shen* significar a própria consciência espiritual, espírito e corpo físico não são coisas separadas. Segundo He e Ne (2001, p. 6), “as atividades vitais são basicamente denominadas 'espírito' *shen* (神). Perdendo-se o *shen*, as atividades da energia cessam e a vida termina. Assim sendo, *shen* é a essência da vida do corpo humano”.

Aprofundando-se em seu ensinamento, *Qi Bo* discursa que “o medo, a aflição, a sisudez e o [excesso de] planejamento ferem o *shen*. O *shen* ferido resulta num medo que flui sem parar. Assim, a tristeza se move ao centro, levando-as a exaustão e a morte”. (GUO XUE SHU YUAN, 2008, p. 328, tradução nossa). Na M.T.C., o sofrimento bloqueia o *qi* em suas fundações, gerando uma grande raiva, medo, confusão e a perda de controle pessoal. Isso se dá porque no pensamento chinês, assim como o *qi* é energia e matéria ao mesmo tempo (MAJOR, 2005), o fisiológico e o emocional são indissociáveis.

Como “a harmonia [é] o objetivo fundamental do misticismo, da filosofia, da cultura e da Medicina Tradicional Chinesa; harmonia essa que deve estar dentro do indivíduo, entre o indivíduo e a natureza e entre o indivíduo e a sociedade” (ROSS, 1994, p. 25), o mestre *Qi Bo* prossegue explicando como o medo, a preocupação, o terror, a angústia, a fúria e a ansiedade – elementos de desarmonia – ferem cada uma das vísceras da fisiologia chinesa, fazendo o *jing* se dispersar e levando a pessoa à morte em uma das estações do ano:

O coração e a mente com medo, pensamentos angustiantes e ansiedade podem resultar em ferida ao *shen*. Quando o *shen* está machucado, isso pode resultar em medo e perda de si mesmo. Há um colapso dos tecidos e da carne. O cabelo se torna ralo. As cores desaparecem cedo. Haverá morte no inverno.

Quando o baço não está livre da preocupação e do medo, isso resulta em ferimento ao pensamento. Quando o pensamento está machucado, isso resulta em congestão e confusão. Os quatro membros não podem se levantar. O cabelo se torna ralo. As cores desaparecem cedo. Haverá morte na primavera.

O sofrimento e a tristeza se movem ao centro do fígado e podem resultar em ferida ao *shen*. O *shen* ferido pode causar loucura, esquecimento e negação do *jing*. Sem o *jing*, não há matéria-prima ao homem. O *yin* diminui e os músculos se deformam. As costelas ou ossos não podem se mover. O cabelo se torna ralo. As cores desaparecem cedo. Haverá morte no outono. [...]

Os rins, quando preenchidos com raiva sem parar, podem resultar em frequente esquecimento das palavras recém-ditas. A região lombar e a coluna podem se enfraquecer e não conseguir se levantar, alongar ou se dobrar. O cabelo se torna ralo. As cores desaparecem cedo. Haverá morte no longo verão. (GUO XUE SHU YUAN, 2008, p. 328, tradução nossa).

Tendo em mente tais considerações de morte, saúde e sexualidade em M.T.C. e na Filosofia Chinesa, trataremos a seguir das políticas públicas para a homossexualidade e o transexualismo na República Popular da China. Antes, todavia, é necessário lembrar que embora o estado chinês seja ateu desde 1949 (HAW, 2008), há uma parcial liberdade religiosa, e o Daoísmo continua sendo a segunda maior religião do país, o que influencia seu senso comum. Ainda que o Budismo chinês seja hoje o credo mais cultuado, ele é um híbrido do Budismo indiano com o Daoísmo, possuindo muito mais em comum com as demais religiões chinesas do que com outras escolas budistas de fora da China. (TEISER, 2005).

### **A homossexualidade na República Popular da China**

Com o advento de paradas gays e com os recentes debates sobre casamento e direitos dos homossexuais, “muita gente acredita que houve um aumento da homossexualidade, mas não se pode confundir a existência de um fenômeno com sua visibilidade social. Não há evidência nenhuma de que a homossexualidade aumentou”. (FRY; MACRAE, 1985, p. 32). Pelo contrário, Zhang (2006) constata a existência de homossexuais em todas as culturas e épocas, independentemente da revolução sexual ou de ser uma cultura mais ou menos permissiva.

Entretanto, é difícil calcular a demografia da homossexualidade em qualquer sociedade, pois cada um traz uma definição pessoal do que é sexo e do que é homossexual<sup>27</sup>. Estima-se que a quantidade de pessoas com desejos pelo mesmo sexo é maior que a de pessoas que agem de acordo com esses desejos, que também é maior que o número de pessoas que se identificam como homossexuais. (BLACK; GATES; SANDERS; TAYLOR, 2000). Um estudo australiano com 19.307 pessoas entre 16 e 59 anos mostrou que, embora

---

<sup>27</sup> Existe uma divergência muito grande sobre o que é sexo. Alguns consideram que somente o sexo penetrativo configura uma relação sexual, excluindo o sexo oral ou a masturbação mútua. Essa divergência se apresenta também no reconhecimento do que é ser homossexual. Ressaltam-se os exemplos da década de 1980 no Brasil, quando apenas o homem penetrado era visto como gay (FRY; MACRAE, 1985).

8,6% dos homens e 15,1% das mulheres reportem desejos ou até mesmo experiências com o mesmo sexo, apenas 2,5% dos homens e 2,2% das mulheres se consideram homossexuais ou bissexuais de fato. (SMITH; RISSEL; RICHTERS; GRULICH; VISSER, 2003).

Na República Popular da China, dados de 2006 estimavam a existência de uma população de cerca de vinte milhões de homens homossexuais no país (ZHANG, 2006), o que equivalia a 3,17% da população masculina total<sup>28</sup> da época. Ainda que o estudo assumisse que provavelmente os números reais devessem ser várias vezes maiores que os apontados por ele, esse índice por si só já ultrapassava os números estimados da população de homossexuais de *ambos os sexos* no Brasil<sup>29</sup>.

Conforme já citado, os registros históricos mostram a existência de relações homossexuais na elite da China Antiga tal qual se pode observar na Grécia Clássica:

Na Dinastia Han Ocidental (206 A.E.C. a 8 E.C.), dez dos onze imperadores tiveram ao menos um amante homossexual ou compartilharam algum comportamento de sexo com homens. Durante a Dinastia Jin Ocidental e Oriental e as Dinastias do Norte e do Sul (256 E.C. a 581 E.C.), a homossexualidade masculina parecia também aceitável pela maior parte da classe alta da sociedade. (RUAN; LAU, 1997, p. 360, tradução nossa).

A grande variedade de registros clássicos deveria refletir, de alguma forma, na discussão do tema na M.T.C. e em uma maior acessibilidade de tais dados. Todavia, a China é conhecida pela tradição histórica de restringir informações à sociedade, e a despeito da criação do programa de educação sexual<sup>30</sup> pela C.S.A., “o público conhece pouco sobre a homossexualidade”. (ZHANG; KAUFMAN, 2005, p. 116, tradução nossa). Uma pesquisa conduzida em Pequim, Xangai e Cantão em 1993 indicou que 28,1% dos entrevistados não conheciam o termo *tongxinglian*, 46,8% ouviram apenas uma vez e 25,1% tinham alguma familiaridade com a palavra. (WANG; WEN, 1994 *apud* ZHANG; KAUFMAN, 2005).

---

<sup>28</sup> Considerando-se uma população de 630.274.000 homens tal qual o censo chinês de 2002 (ZHENG, 2003).

<sup>29</sup> De acordo com o manual de prevenção de DST/AIDS do Ministério da Saúde do Brasil, estima-se que existam cerca de dezessete milhões de homossexuais de ambos os sexos no Brasil (ROSSI, 2002).

<sup>30</sup> A educação sexual existe nas áreas urbanas desenvolvidas da República Popular da China, “mas [é] focada na fisiologia e higiene, com pouca informação sobre o coito, gravidez, parto, contraceptivos, homossexualidade, parafilias e doenças sexualmente transmissíveis” (RUAN; LAU, 1997, p. 379, tradução nossa).

Até a década de 1990, “a literatura sobre homossexualidade contemporânea [era] na melhor das hipóteses escassa, ainda que disponível em Taiwan e Hong Kong<sup>31</sup>”. (RUAN; LAU, 1997, p. 360, tradução nossa). Não à toa. Em 1999, o juiz Zhang Lihua do tribunal do distrito de Xuanwu, em Pequim, multou em 60.000 yuans o professor Fang Gang e a editora Jilin por difamação, declarando que a homossexualidade era anormal e inaceitável para a opinião pública. Seu livro *Tongxinglian zai Zhongguo*<sup>32</sup>, publicado em setembro de 1999, foi o motivo do processo. (O’NEILL, 1999).

Ainda que em uma posterior revisão do caso a acusação tenha sido retirada (ZHANG; KAUFMAN, 2005), esse evento foi um reflexo da posição pública sobre o tema na época. A homossexualidade não era reconhecida pelo governo e a postura oficial era a de que se existiam homossexuais na República Popular da China, eram resultado de uma má influência do Ocidente, que com suas ideologias e pensamentos imputou uma “doença social” na cultura oriental. (UNITED PRESS INTERNATIONAL, 1987 *apud* RUAN, 1991).

Quando raramente a negação e o silêncio permitiam o debate, o discurso era condenatório. “Nos anos 1990, um famoso promotor<sup>33</sup> escreveu que ‘a homossexualidade [...] perturba a ordem social, invade a privacidade e o direito e leva ao comportamento criminoso’”. (RUAN; LAU, 1997, p. 361, tradução nossa). Em 1987, Zheng Zhanbei, um dos principais psiquiatras forenses do país, afirmou que a homossexualidade é contra a moral e prejudica a saúde física e mental dos adolescentes, devendo ser criminalizada. (WAN, 1988 *apud* RUAN, 1991). Não por acaso, durante toda a década de 1980, o senso comum chinês naturalizou os homossexuais como imorais e frustrados (SHERIDAN; SALAFF, 1984 *apud* RUAN; LAU, 1997), e o fato de o tema entrar em voga na mídia chinesa com a descoberta da AIDS em homossexuais americanos só reforçou o estigma. (ZHANG, 2006).

A despeito de a Suprema Corte ter estabelecido em 1967 que é errado o Estado interferir se dois adultos decidem fazer sexo voluntariamente (YU, 2000 *apud* ZHANG; KAUFMAN, 2005) e de na década de 1990 o crime de sodomia ter sido revogado da Constituição Chinesa (ZHANG; KAUFMAN, 2005), até a década de 2000 foram comuns as moções contra qualquer tipo de manifestação homossexual, pois o único comportamento sexual legal e

---

<sup>31</sup> Apesar de fazer parte da República Popular da China, Hong Kong é considerada uma região administrativa independente, com poderes executivo, legislativo e judiciário próprios (HAW, 2008) .

<sup>32</sup> Pinyin para 同性恋在中国, “homossexualidade na China”, em português.

<sup>33</sup> O promotor em questão é Dun Li, identificado no livro *Sex in China: studies in sexology in Chinese culture*, de Fang Fu Ruan (1991).

moralmente permitido na República Popular da China era a relação heterossexual dentro de um casamento monogâmico. (RUAN; LAU, 1997). Desde a Revolução Cultural Chinesa dos anos 1960, “qualquer desvio de uma definição muito restritiva de comportamento sexual aceitável arriscava punição por 'vadiagem’”. (ZHANG; KAUFMAN, 2005, p. 117, tradução nossa). Ruan e Lau (1997, p. 361, tradução nossa) explicam que

apesar de não haver nenhuma declaração específica em relação ao *status* dos homossexuais no Código Penal vigente da República Popular da China, o Artigo 106 diz: “toda vadiagem deve ser sujeita a detenção e condenação”. Na prática, a atividade homossexual tem sido incluída em “vadiagem”.

É interessante citar que Foucault (1978), analisando a história dos hospícios europeus, apontou como a sociedade se dispôs a sustentar manicômios e prisões para manter fora da vista social todos aqueles que não se adaptam ao seu propósito. Apesar de o pensamento do autor centrar-se na Europa, sua teoria aplica-se à realidade chinesa. A homossexualidade estigmatizada fez os homossexuais temerem constantemente retaliações que iam de detenções a sentenças de trabalhos forçados. (RUAN; LAU, 1997). Quando não eram presos, os homossexuais comumente terminavam em hospitais psiquiátricos, internados para sofrer uma série de “tratamentos corretivos” que iam de terapias de eletrochoque ao uso “medicinal” de amoníacos. (QIU, 2002 *apud* McMILLAN, 2006).

Como resultado, uma pesquisa de 1988 com 140 homens homossexuais em Xangai revelou que apenas 13,6% deles já haviam feito sexo oral e que somente 2,8% haviam feito sexo anal. Dois anos depois, um estudo sobre AIDS da Organização Mundial da Saúde contrastou com esses dados, apontando que 77% dos heterossexuais já haviam feito sexo anal. (BURTON, 1990 *apud* RUAN; LAU, 1997). O medo e a dificuldade de encontrar outros parceiros levavam a maioria dos homossexuais a não vivenciar sua sexualidade, já que, ao contrário dos países ocidentais, não havia “guetos gays” na República Popular da China, ainda que algumas raras regiões de zona rural fossem mais tolerantes, como apontado por Zhang e Kaufman (2005).

Em 1992, após a prisão de um casal de lésbicas a pedido de seus próprios pais na província de Anhui, o Departamento de Segurança Pública do governo central interveio na condenação. “O Departamento de Segurança Pública [...] instruiu a polícia da comarca que, uma vez que na atual legislação não há um artigo que prevê punição para tal comportamento e relacionamento,

não poderia se tratar de 'má conduta'". (RUAN; LAU, 1997, p. 362, tradução nossa). Essa foi a primeira vez que homossexuais foram favorecidos pela lei no país. Desde então, de modo bem lento e modesto, as autoridades das grandes cidades têm se demonstrado mais tolerantes, ainda que haja eventuais inversões a essa tendência.

Na década de 2000, uma reforma legislativa ampliou a extensão das leis que tratavam de prostituição, estupro e assédio sexual para contemplar também as atividades homossexuais. (ZHANG; KAUFMAN, 2005). Nas grandes cidades, em especial entre os mais jovens, o público aos poucos começou a aceitar a homossexualidade como normal. (YITAI et al., 2001 *apud* ZHANG; KAUFMAN, 2005). Ainda que o assunto seja banido das estações de televisão, o número de livros e filmes que trata do tema cresce no país, distribuídos de forma legal ou pela pirataria, em casos de proibição legal.

Mesmo que ainda haja uma consistente homofobia no país, de acordo com Hong (2003 *apud* ZHANG; KAUFMAN, 2005), esses eventos apontam para uma contínua normalização da homossexualidade na República Popular da China, ao menos em âmbito legal. Se, no mínimo, a constituição garantir direito aos homossexuais, talvez a sociedade se torne mais tolerante, pois, mesmo após a reforma e abertura econômicas, a chegada da Internet, a disseminação do pensamento científico e o modesto aumento da individualidade no país, as atitudes perante a homossexualidade se mantêm, de modo geral, proibitivas até os dias de hoje. (ZHANG; KAUFMAN, 2005).

## **O transexualismo na República Popular da China**

Definido como uma forte e persistente identificação com o gênero oposto ao do sexo congênito, o transexualismo – ao contrário da homossexualidade – ainda consta nos *Distúrbios Sexuais e de Identidade de Gênero* do DSM-IV (APA, 2002), sendo também listado pela Organização Mundial da Saúde no CID-10 (OPAS; OMS, 1993) na seção de *Transtornos Mentais e Comportamentais*. Só por esse motivo, seria possível desenvolver um artigo inteiro discutindo a bioética por trás de tal rotulação e suas implicações psicossociais. Vários autores, e aqui se ressaltam Lionço (2006) e Chiland (2008), defendem uma revisão da atual abordagem médica aos transexuais, focada no diagnóstico patológico e nas reatribuições sexuais. Há também debates sobre o emprego dos sufixos -ismo ou -idade, visto que a Organização Mundial da Saúde ainda usa o termo “transexualismo”, o qual designa doença.

Infelizmente, não há a possibilidade de se discutir todos esses temas neste artigo, ainda que se reconheça a grande necessidade de estudos na área. Ao se pesquisar no Google Acadêmico (GOOGLE, 2009) por artigos que trouxessem no título ao menos uma das seguintes palavras: *homossexual*, *homossexualidade* ou *homossexualismo* – além dos termos ingleses *homosexual*, *homosexuality*, *homosexualism* e *gay* –, observou-se um resultado de cerca de 97.600 artigos. Ao se pesquisar por artigos que trouxessem no título ao menos uma das seguintes palavras: *transexual*, *transexualismo*, *transexualidade* ou *transgênero* – além dos termos ingleses *transsexual*, *transsexualism*, *transsexuality*, *transgenderism*, *transgender* –, observou-se aproximadamente 5.160 artigos, um número 19 vezes menor.

Um exemplo dessa carência acadêmica é o fato de no Ocidente, onde a cirurgia para mudança de sexo é uma realidade há décadas, os programas na área possuem uma série de erros metodológicos. Chiland (2008, p. 55) comenta que “não se reveem todos os pacientes operados, nem mesmo os que estiveram num centro universitário ou público em que se dá prosseguimento às pesquisas. Os estudos costumam basear-se em pequenas amostragens e num único sexo”, o que não auxilia na promoção da visibilidade social dos transexuais mulher-para-homem, por exemplo. Além disso, os índices de suicídios e depressão se mantêm altos mesmo entre os transexuais que se submeteram ao procedimento. As questões psicológicas latentes desses interagentes também não são investigadas apropriadamente, e às vezes nem mesmo as questões provenientes da própria troca de sexo em si. (LIONÇO, 2006).

Para se compreender o transexualismo, um ponto primordial é a qualidade da orientação sexual se distinguir da identidade de gênero, levando o universo transexual além do âmbito da sexualidade, pois abarca questões profundas de gênero que podem ou não se manifestar já na infância. Segundo Money (1994 *apud* CHILAND, 2008), a orientação sexual é apenas uma parte da identidade de gênero, um domínio maior no qual o indivíduo se identifica como masculino, feminino ou nenhum dos dois. Nos homossexuais, a sexualidade é orientada ao mesmo sexo, mas sua identidade de gênero se mantém ressonante ao sexo congênito. Nos transexuais, a identidade de gênero é oposta a do sexo atribuído, porém, sem manifestar obrigatoriamente uma orientação sexual específica. (LIONÇO, 2006).

Não obstante, Chiland (2008) ressalta ainda que os papéis de gênero, usados pela Associação Psiquiátrica Americana para fechar o diagnóstico de transexualismo (APA, 2002), são apenas uma face pública da identidade de gênero, não necessariamente a refletem. Lionço (2006) complementa que

muitas vezes os transexuais buscam psicoterapia apenas para cumprir o período mínimo de dois anos para a confirmação legal de seu diagnóstico, manipulando e omitindo quaisquer dados que julguem capaz de os rotularem como inaptos para a cirurgia. Essa manipulação que não reflete a realidade da identidade sexual em si é um exemplo do que Chiland comentou, levando Lionço a questionar em sua tese de doutorado a eficácia do sistema vigente.

Se a discussão já é delicada aqui no Ocidente, nas Chinas sequer existe uma expressão amplamente usada para designar identidade de gênero. Segundo McMillan (2006), enquanto alguns usam *shehui xingbie*<sup>34</sup>, outros preferem empregar o termo inglês *gender* na falta de melhor opção. Independentemente, a noção de identidade de gênero não é compreendida facilmente pela sociedade. No mandarim falado, o pronome *ta*<sup>35</sup> designa tanto o masculino quanto o feminino, e a distinção presente só na escrita é usada há apenas um século. Para se falar masculino ou feminino em forma de substantivo, utiliza-se o radical *xing*<sup>36</sup> unido aos radicais *nan*<sup>37</sup> ou *nu*<sup>38</sup>, formando-se *nanxing*<sup>39</sup> (masculino) e *nuxing*<sup>40</sup> (feminino). Entretanto, neologismos de sintaxe similar tal qual *kuaxing*<sup>41</sup>, que designariam os transexuais, são quase uma exclusividade acadêmica.

Sendo assim, ainda que as discussões sobre o transexualismo no Ocidente venham sendo ampliadas, adotaram-se as definições vigentes da Organização Mundial da Saúde e da Associação Psiquiátrica Americana para este artigo, embora seus critérios de avaliação sejam considerados estereotipados por vários pesquisadores. Em momento algum as novas pesquisas foram desconsideradas, apenas se preferiu a adoção das definições do DSM-IV (APA, 2002) e do CID-10 (OPAS; OMS, 1993) por serem órgãos internacionais de normatização na saúde, permitindo assim um comparativo das práticas médicas para o transexualismo mesmo em uma sociedade totalmente diferente da existente no Brasil, como é o caso da República Popular da China.

Ainda que entre o artigo mais antigo (RUAN; BULLOUGH; TSAI, 1989) e a bibliografia pesquisada mais recente (McMILLAN, 2006) sobre o

---

<sup>34</sup> Pinyin para 社会性别, “sexo social”, em português.

<sup>35</sup> Pinyin para 他(ele) ou 她(ela).

<sup>36</sup> Pinyin para 性, “natureza”, “característica”, “qualidade”, “sexo”, em português.

<sup>37</sup> Pinyin para 男 .

<sup>38</sup> Pinyin para 女 .

<sup>39</sup> Pinyin para 男性 .

<sup>40</sup> Pinyin para 女性 .

<sup>41</sup> Pinyin para 跨性, “transexual”, em português, embora seja também empregado como “intersexo”. Neologismo cunhado por pesquisadores da Universidade Central Nacional de Taiwan.

transexualismo nas Chinas haja uma discreta conquista no campo, debates na área são raros. Na República da China e em Hong Kong, publicações e eventos sobre o assunto são mais comuns, porém, na conservadora República Popular da China, o transexualismo é ainda um grande tabu. Curiosamente, essa realidade atual contrasta com o privilégio que os eunucos possuíam na China Antiga, tal qual a realidade da homossexualidade em tempos antigos e na República Popular da China atual.

Os eunucos desempenharam um papel importante por toda a história chinesa, formaram um círculo interno dentro do Palácio Imperial onde comumente adquiriam grande influência nos assuntos do Estado. [...] Os eunucos eram de fato muito mais próximos dele [o imperador] do que os ministros de Estado e outros altos oficiais que por regra viam o imperador apenas durante as audiências ou cerimônias importantes. (GULIK, 1974, p. 256, tradução nossa).

Ainda que os termos “eunuco” e “transexual” não sejam sinônimos, vale ressaltar que é justamente na mudança do sexo masculino que reside a maior resistência da sociedade chinesa aos transexuais. Além disso, a própria diferenciação entre intersexo e transexual é bastante nebulosa nas Chinas, mesmo em ambiente acadêmico, tal qual se observa no neologismo *kuaxing*, citado anteriormente. De fato, enquanto muitos adultos por livre e espontânea vontade<sup>42</sup> recorriam à castração na China Antiga para conseguir emprego nos palácios imperiais, hoje “dos poucos relatos de transexualismo publicados na China, a maioria é de tom sensacionalista e condenatória” (RUAN, 1991, p. 156, tradução nossa), com pouco acesso dessa população a informações ou assistência.

Assim como não se encontram referências sobre o *status* médico dos homossexuais nos clássicos chineses, na M.T.C. o transexualismo é praticamente inexistente. Ao se pesquisar por materiais que discorram sobre o tema, encontraram-se apenas *sites* ocidentais, usualmente páginas de clínicas que tentam vender aos transexuais tratamentos de acupuntura e outras terapias chinesas para estética, relaxamento e diminuição dos efeitos colaterais da terapia hormonal. As poucas fontes que tratam sobre castrações na China Antiga e recuperação de hormônios sexuais pela urina “fundamentadas” em M.T.C. como terapias específicas para o transexualismo são pouco confiáveis, não cabendo neste artigo.

---

<sup>42</sup> Não se pode generalizar que todos os eunucos chineses o eram por livre e espontânea vontade. Assim como em outras partes do mundo, grande parte deles foi castrada quando crianças por seus próprios pais. Além disso, ressalta-se que a castração também fora utilizada na China Antiga como punição legal (GULIK, 1974).

Pela Medicina convencional, a primeira cirurgia de reatribuição sexual da China aconteceu em 1989 em circunstâncias bem peculiares que permitiram a autorização do procedimento pelo governo totalitarista do país. (RUAN; BULLOUGH; TSAI, 1989). Comentando o episódio do qual participou, Ruan (1991, p. 156, tradução nossa) escreve:

É quase impossível conseguir permissão para efetuar a cirurgia de reatribuição sexual. O problema não é a falta de técnicas e instalações cirúrgicas apropriadas. Na verdade, tanto a cirurgia plástica comum quanto técnicas precisas de cirurgia como a reimplantação de dedos amputados são bastante avançadas na China. Se permissões fossem dadas, as cirurgias de reatribuição sexual poderiam ser efetuadas com pouca dificuldade na maioria dos grandes hospitais.

Uma grande exceção é o doutor Chen Huanran da China continental, que desde 1990 realiza cirurgias de reatribuição sexual no Hospital de Cirurgias Plásticas de Pequim, contabilizando cerca de 200 procedimentos em uma década de trabalho. (DENG, 2001 *apud* McMILLAN, 2006). Apesar da prática diferenciada e inclusiva de Chen Huanran na República Popular da China, McMillan (2006) afirma que a postura do cirurgião é única e que com exceção dele a autora nunca ouvira outro médico chinês expressar tão abertamente posições favoráveis aos transexuais, às terapias hormonais ou à cirurgia de reatribuição sexual.

Segundo McMillan (2006), ao questionar o doutor Chen sobre como conseguia tantas autorizações para suas cirurgias de reatribuição, ele respondeu que não as apresentava como tal às autoridades chinesas. “É impossível [...] falar abertamente sobre cirurgias genitais como uma escolha sobre o modo de ser, mas tais operações tornam-se aceitáveis quando inseridas em um contexto médico”. (MCMILLAN, 2006, p. 11). Ambiguidade genital, intersexualidade congênita, microfalia, macroclítoris, anorgasmia, câncer genital, lábios fundidos, hipospádia, epispádia e várias outras variações genitais são utilizadas como justificativas nesses casos.

### **Considerações finais**

Sendo uma medicina tradicional, a M.T.C. é holística, dessa forma, não apenas a relação do indivíduo com ele mesmo, mas também sua relação com o meio são de vital importância para sua saúde. Como se viu, nos últimos anos, os homossexuais e transexuais, taxados de vadios, foram presos,

forçados a trabalhos braçais e a terapias psiquiátricas, aterrorizados com a possibilidade de retaliação pública na República Popular da China. Embora não haja discussões sobre o tema nos textos de M.T.C., em grande parte por proibição do governo, fica evidente que essas pessoas não estão saudáveis, segundo a concepção chinesa do que é doença, pois não há harmonia na realidade social em que vivem.

No entanto, há certa valorização da realização sexual e da qualidade das emoções na Filosofia Chinesa. Ignorar as bases filosóficas da M.T.C. por conveniência ou apenas porque sua práxis está sendo aplicada no Ocidente é o mesmo que ignorar a base cartesiana da Medicina convencional no Oriente, sendo que foi justamente o cartesianismo que possibilitou os avanços na Fisiologia e na Patologia e o desenvolvimento de tantas especialidades médicas. Desvencilhar os aspectos emocionais e sexuais desses interagentes fere o holismo, que é a base intrínseca das práticas naturais. No mínimo, a ampla utilização da M.T.C. no Ocidente, onde as questões transexuais e homossexuais são mais visíveis, torna essa demanda por estudos uma necessidade ética.

Costa (1992, p. 24) cita que “recusar a algumas pessoas a possibilidade de se realizar afetivo-sexualmente só porque não têm a mesma preferência sexual que a maioria significa ferir um dos esteios de nosso credo moral”. Apesar de Costa se pautar na sociedade Ocidental, as políticas públicas da República Popular da China que promovem a solidão, o medo, a perseguição e a tristeza aos homossexuais e transexuais também vão contra a moral filosófica da M.T.C., tal qual se viu no *Ling shu*. A negligência só agrava a urgência por pesquisas, seja no Oriente, seja no Ocidente.

Na graduação de Naturologia da Universidade do Sul de Santa Catarina, espaço acadêmico Ocidental que trabalha com a M.T.C. e possui um PhD na área, o assunto é velado. Se por um lado é declarado que os homossexuais atendidos nos estágios supervisionados de seu Centro de Práticas Naturais recebem atendimento sem adaptação/discriminação por sua sexualidade, um estudo prévio da instituição demonstrou tendências a uma abordagem diferenciada entre os profissionais da área da saúde. Dos 242 questionários aplicados em acadêmicos de todos os cursos da saúde, 15,3% apontaram posturas ou declarações homofóbicas entre professores da Naturologia, além de só 38,3% dos alunos heterossexuais possuírem leitura acadêmica sobre homossexualidade. O estudo também demonstrou que 2,3% dos alunos declararam muito desconforto ao atender homossexuais. (STERN; WEDEKIN, 2005).

O que o terror, a tristeza, a fúria e a aflição causam no *jing* e no *shen* desses interagentes? Teriam eles uma maior fragilidade de *yin* e de *qi* por sua condição social? A abstinência sexual, tal qual é pregada para grande parte dessas pessoas na República Popular da China, é a solução em M.T.C. mais saudável? Qual a posição do transexualismo dentro da M.T.C.? Quais as implicações energéticas de uma cirurgia de reatribuição sexual, visto que os órgãos genitais são relacionados ao rim, considerado a morada da energia vital na M.T.C.? Forçar um transexual a viver com o seu sexo atribuído, mesmo que lhe gere sofrimento, seria o menos nocivo dentro da M.T.C.? Na escola *yin* e *yang*, os homossexuais terem casamentos heterossexuais seria a solução “correta”? Seria a mais ética? O sexo homossexual causaria uma deficiência de *yin* ou *yang*? Ou seria um excesso? Ou não causaria nada? Como abordar esses interagentes de forma efetiva, promovendo o vínculo terapêutico?

Tantas perguntas sem respostas apenas permitem concluir com as palavras do mestre *Qi Bo*: “Se o espírito e as cinco vísceras estiverem feridos, nem mais a acupuntura conseguirá curá-lo”. (GUO XUE SHU YUAN, 2008, p. 329, tradução nossa). Deve-se aproveitar que no Ocidente a homossexualidade e o transexualismo não são considerados vadiagens e se promoverem mais estudos. Com várias universidades oferecendo pós-graduações em M.T.C. no Brasil, o que falta para que discussões nesse sentido sejam encorajadas? Enquanto o silêncio se mantém, mais homossexuais são atendidos com acupuntura, massoterapia e exercícios chineses sem se considerar todas as questões aqui levantadas. Será necessário que mais transexuais e homossexuais tenham seus espíritos feridos para que os pesquisadores em M.T.C. considerem que o tema vale a pena ser estudado?

## Referências

- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION – APA. *Sexual orientation and homosexuality*. Disponível em: <<http://www.apahelpcenter.org/articles/pdf.php?id=31>>. Acesso em: 13 jul. 2009.
- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION – APA. *DSM-IV-TR™*: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 4. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BLACK, Dan; GATES, Gary; SANDERS, Seth; TAYLOR, Lowell. Demographics of the gay and lesbian population in the United States: evidence from available systematic data sources. *Demography*, Estados Unidos, v. 37, n. 2, p. 139-154, maio 2000.
- CHILAND, Colete. *O transexualismo*. São Paulo: Loyola, 2008.
- CHOU, Wah-shan. *Tongzhi*: politics of same-sex eroticism in Chinese societies. Reino Unido: Haworth, 2000.
- COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício*: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1985.
- GOOGLE. *Google acadêmico beta*. Disponível em: <<http://scholar.google.com.br/>>. Acesso em: 15 jun. 2009.
- GULIK, Robert Hans Van. *Sexual life in ancient China*: a preliminary survey of Chinese sex and society from ca. 1.500 B.C. till 1.644 A.D. Países Baixos: Brill, 1974.
- GUO XUE SHU YUAN<sup>43</sup>. *Huang Di Nei Jing*<sup>44</sup>. China: Renmin Chubanshe<sup>45</sup>, 2008.
- HAW, Stephen G. *História da China*. Portugal: Tinta da China, 2008.
- HE, Yin Hui; NE, Zhang Bai (Org.). *Teoria básica da Medicina Tradicional Chinesa*. São Paulo: Atheneu, 2001.
- HERDT, Gilbert. Homosexuality. In: JONES, Lindsay (Org.). *Encyclopedia of religion*. 2. ed. Estados Unidos: Thomson Gale, 2005. p. 4111-4118.
- KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes antropológicos*: corpo, doença e saúde, Porto Alegre, v. 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998.

---

<sup>43</sup> Pinyin para 国学書院, “Universidade de Estudos da Cultura Nacional” em português.

<sup>44</sup> Pinyin para 黄帝内经, “Tratado Interno do Imperador Amarelo” em português.

<sup>45</sup> Pinyin para 人民出版社, referida no Brasil como “Imprensa Oriental”.

- KRIPAL, Jeffrey J. Sexuality: an overview (further considerations). In: JONES, Lindsay (Org.). *Encyclopedia of religion*. 2. ed. Estados Unidos: Thomson Gale, 2005. p. 8241-8247.
- LIONÇO, Tatiana. *Um olhar sobre a transexualidade a partir da perspectiva da tensionalidade somato-psíquica*. 2006. 150 f. Tese de Doutorado – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- MAJOR, John S. Qi. In: JONES, Lindsay (Org.). *Encyclopedia of religion*. 2. ed. Estados Unidos: Thomson Gale, 2005. p. 7544-7546.
- McMILLAN, Joanna. *Sex, science and morality in China*. Estados Unidos: Routledge, 2006.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Laços perigosos entre machismo e violência. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 23-26, jan./mar. 2005.
- NIVISON, David S. Chinese philosophy. In: JONES, Lindsay (Org.). *Encyclopedia of religion*. 2. ed. Estados Unidos: Thomson Gale, 2005. p. 1570-1580.
- O'NEILL, Mark. Court declares homosexuality abnormal. *South China Morning Post*, Hong Kong, 13, out. 1999.
- ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE – OPAS; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE – OMS. *CID-10: classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde*. 10. ed. rev. São Paulo: Editora da USP, 1993. v. 1.
- PITÉ, Jorge. *Dicionário breve de Sociologia*. Portugal: Presença, 1997.
- ROSS, Jeremy. Origens de doença. In: ROSS, Jeremy. *Zang fu: sistemas de órgãos e vísceras da Medicina Tradicional Chinesa*. São Paulo: Roca, 1994. p. 25-43.
- ROSSI, Lilia (Org.). *Guia de prevenção das DST/AIDS e cidadania para homossexuais*. Brasília: Ministério da Saúde, 2002. (Série Manuais, n. 52).
- ROY, Denny. *Taiwan: a political history*. Estados Unidos: Cornell University Press, 2003.
- RUAN, Fang Fu; LAU, M. P. China: Zhonghua Renmin Gonghe Guo. In: FRANCOEUR, Robert T. (Org.). *The international encyclopedia of sexuality*. Estados Unidos: Continuum, 1997. v. 1, p. 344-396.
- RUAN, Fang Fu. *Sex in China: studies in sexology in Chinese culture*. Springer, 1991.
- RUAN, Fang Fu; BULLOUGH, Vern, L.; TSAI, Yung Mei. Male transsexualism in mainland China. *Archives of Sexual Behavior*, Países Baixos, v. 18, n. 6, p. 517-522, dez. 1989.
- SMITH, Anthony M.A.; RISSEL, Chris E.; RICHTERS, Juliet; GRULICH, Andrew E.; VISSER, Richard O. de. Sex in Australia: the rationale and methods of the Australian Study of Health and Relationships. *The Australian and New Zealand Journal of Public Health*, Austrália, v. 27, n. 2, p. 106-117, 2003.

STERN, Fábio L.; WEDEKIN, Luana Maribele (Org.). *A visão dos futuros terapeutas sobre a homossexualidade em atendimento*. 2005. 56 f. Iniciação científica (Programa UNISUL de Incentivo a Pesquisa). Antropologia, Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2005.

TEISER, Stephen F. Buddhism: buddhism in China. In: JONES, Lindsay (Org.). *Encyclopedia of religion*. 2. ed. Estados Unidos: Thomson Gale, 2005. p. 1160-1169.

WAWRYTKO, Sandra. Homosexuality and Chinese and Japanese Religions. In: SWIDLER, Arlene (Org.). *Homosexuality and world religions*. Estados Unidos: Trinity Press International, 1993. p. 199-230.

ZHANG, Beichuan<sup>46</sup>. Di ershiliu zhang: nan nanxing jiechu zhe yu gonggong weisheng<sup>47</sup>. In: CENG, Gang<sup>48</sup> (Org.). *Zhonggou gonggong weisheng yu jiankang xin siwei*<sup>49</sup>. China: Renmin Chubanshe<sup>50</sup>, 2006.

ZHANG, Beichuan; KAUFMAN, Joan. The rights of people with same sex sexual behaviour: recent progress and continuing challenges in China. In: MISRA, Geetanjali; CANDIRAMANI, Radhika. *Sexuality, gender and rights: exploring theory and practice in South and Southeast Asia*. Estados Unidos: SAGE, 2005. p. 113-130.

ZHENG, Jing Ping<sup>51</sup> (Org.). *Zhonggou tongji nian jian*<sup>52</sup>. China: Zhonghua Renmin Gonghe Guo Guojia Tongji Ju Bian<sup>53</sup>, 2003. n. 22.

ZHONGGUO XING XUEHUI<sup>54</sup>. *Zhongguo xing xuehui jianjie*<sup>55</sup>. Disponível em: <<http://www.chsa.org.cn/xhjj.asp>>. Acesso em: 8 jul. 2009.

---

<sup>46</sup> Pinyin para 张北川, nome próprio.

<sup>47</sup> Pinyin para 第二十六章:男男性接触者与公共卫生, "26º capítulo: homens que fazem sexo com homens e a saúde pública" em português.

<sup>48</sup> Pinyin para 曾光, nome próprio.

<sup>49</sup> Pinyin para 中国公共卫生与健康新思维, "saúde pública da China e o novo pensamento em saúde" em português.

<sup>50</sup> Pinyin para 人民出版社, referida no Brasil como "Imprensa Oriental".

<sup>51</sup> Pinyin para 郑京平, nome próprio.

<sup>52</sup> Pinyin para 中国统计年鉴, "anúário estatístico da China" em português.

<sup>53</sup> Pinyin para 中华人民共和国国家统计局编, "Escritório Nacional de Estatísticas da República Popular da China" em português.

<sup>54</sup> Pinyin para 中国性学会, "Associação de Sexologia da China" em português.

<sup>55</sup> Pinyin para 中国性学会简介, "perfil da Associação de Sexologia da China" em português.